

Editor responsável, ANTONIO PACHECO

Director, PADRE BENEVENUTO DE SOUZA

Praça da Batalha, 415—PORTO

Toda a correspondência deve ser dirigida ao Padre Benevenuto de Souza, Outeiro, Torres Novas.

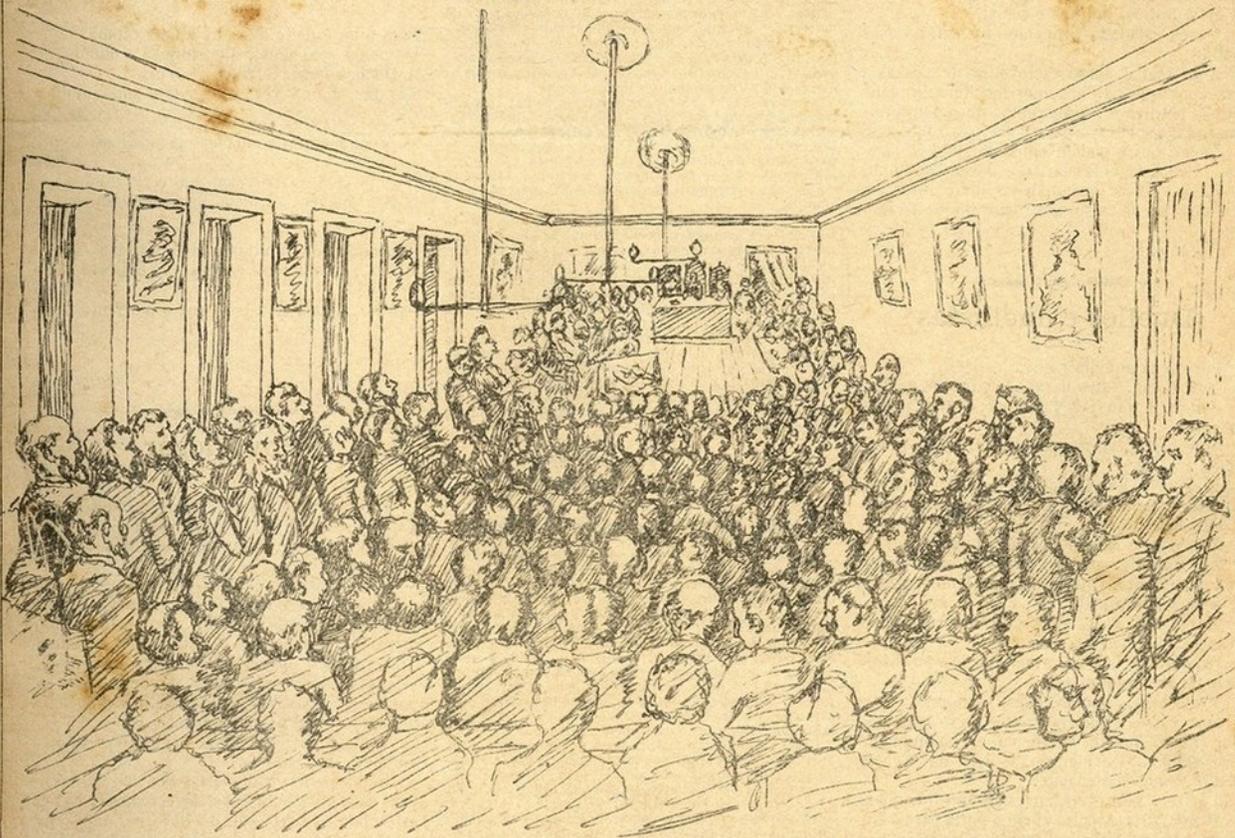
Condições d'assignatura

Anno 500 reis.—Avulso, 20 reis.



ECHOS DO NACIONALISMO

R. 24



Aspecto do grande salão do Centro Eleitoral Nacionalista do Porto em a noite de 21 de setembro, por ocasião da conferencia do Snr. Conselheiro Jacintho Candido.

A nossa politica

Um escrevedor de gazetas pergunta-nos: —O Petardo tem politica? Se tem, lamentamol-o; porque um jornal de caricaturas, que se propõe corrigir os costumes rindo e brincando, não deve estar hypothecado a nenhuma politica, que deve ser coisa séria.

Explicuemo-nos, amigo e senhor. O Petardo tem politica, e politica séria; mas como é um jornal de caricaturas, jocoso, não se propõe tratar dos varios problemas economico-sociaes, que devem preoccupar o espirito dos chefes politicos, que O Petardo acompanha.

O Petardo é nacionalista. Nacionalista e mais nada. Abraça e defende o programma nacionalista, porque o julga o unico capaz de salvar a patria dos perigos que a ameaçam. Não é personalista. Preocupa-o apenas a ideia. Os homens, sejam elles quem forem, relega-os para plano secundario. Quer dizer, —O Petardo é nacionalista puro, acompanhando aquellos que defendem as ideias do nacionalismo em quanto as defenderem; se deixarem de as propagar, O Petardo continuará ao lado da ideia, deixando em paz e ás moscas os homens, por mais meritos que possam ter, que d'ella se afastam.

Rindo e brincando se faz propaganda d'uma ideia nobre e santa.

Rindo e brincando se ridiculisa uma ideia pernicioso e condemnavel.

Porque não temos só em mira fazer rir e passar alegremente alguns minutos, O Petardo afasta-se um pouco dos outros jornaes brinca-lhões, que só pensam em despolipar o baço dos seus leitores. Nós queremos que elles riam, mas queremos tambem, e especialmente, que o seu riso não seja de parvo, deixando-lhes após o riso uma impressão no espirito que os oriente na vida pratica, politica e social.

D uma cajadada propomo-nos matar varios oolhos.

Aqui tem o nosso escrevedor de gazetas a razão por que não achamos incompatibilidade entre a politica e o programma do nosso quinzenario.

Uma e outro podem cohabitar juntos, fazem excellente vida marital e darem ao mundo bons nénes, nacionalistas d'um só rosto e d'uma só fé, risonhos, brinca-lhões e cren-tes.

E—amen!

Duellos e duellistas

Por dá cá aquella palha:

—O' Coisa, estás desafiado para um duello.
—Pois é pra já! Manda-me os teus padri-nhos.

—A'manhã, ao romper d'alva, talvez te esereva.

E escreve. Lá vão dois espirra-canivetes ca-vaquear com outros dois idem. Resultado: duello d'escacha.

Vão para o campo os dois adversarios.

Zás-traz, traz-zás! Um apanha uma arranha-dura n'un dedo. Outro na ponta d'uma orelha.

Está a honra salva.

Mas,—ó diacho!—elles são catholicos. Como lavar a nodoa da excommunhão?

O sabonete está alli á mão: pede-se a absolvição da excommunhão.
Muito bem, apoiado, meus senhores!

Mas vossas senhorias, antes de se baterem, não sabiam que incorriam em excommunhão? E se sabiam, infringiram as leis da Igreja sciente e conscientemente.

Logo... vossas senhorias são uns intrujões.

O Zé Maria Alfoim abriu a porta para a comedia. Agora, todos os outros, como carneirinhos de Panurgio, lhe seguem o exemplo... porque é moda.

Ora porque será que estes marmellos hão de fazer d'uma coisa seria e grave uma coisa ridicula e ofenbachiana?
Se acharem que já é tempo de pôr termo a essa zombaria, ob-equeiam muito as pessoas sérias, que ainda tem um pouco de vergonha na cara e uns restos de respeito pelas excommu-nhões da Igreja.

Historia contemporanea

Carta do Alfoim ao Zé Luci-Ano

Conselheiro e amigo.—Permitta-me v. ex.^a que, com a franqueza que me caracteriza, e que v. ex.^a tão bem conhece, eu lhe diga:—Sr., a tolerancia de v. ex.^a para com o Hint-Zé já me vae cheirando a esturro.

Disse-me v. ex.^a que o accordo se fez apenas para quebrar os dentes ao João Franco e cortar as azas ao Jacinto Candido e ao Bertandinos. Achei bem, porque nem morro d'amores pelo Franco, que é teilhudo e tanto lhe póde dar para bem como para mal, nem me sorri a ideia de que os nacionalistas levantem cabeça, não só porque sou catholico pelo cerebro e pelo coração, e porisso não posso estar d'harmonia com elles, mas porque o seu triumpho me roubaria as melhores rezas do meu rebanho, que são uns padres do Minho e Douro, que me que-rem como ás meninas dos seus olhos, porque fui eu quem os fez gente.

Achei bem, disse, e não volto com a palavra atraz, porque não dou licença que haja alguém que seja mais escravo da sua palavra do que eu. Mas, com franqueza, amigo conselheiro, a modo que as apas de linhaça com que estamos combatendo o Hint-Zé já me vão cheirando a requentadas.

Disse-me v. ex.^a que, em junho, o governo estava em terra, e nós—eram favinhas contadas!—subiamos ao poleiro, a sacrificar, mais uma vez, o nosso talento e o nosso corpo ao bem do paiz.

Mandei-o dizer para o Janeiro e acrescentei, para me dar ares de Saragoçano da politica indigena: «Os meus leitores bem sabem que jámais os enganei. Acre-ditem o que lhes digo: o governo está moribundo. Já lá vão quatro mezes, e o governo, em vez de moribun-do, está só como um pero.

Falemos francamente: de quem a culpa?

V. ex.^a sabe que eu o respeito e amo como filho a pae; mas, portuquez leal e honrado como sou, devo a todos, e especialmente ao meu chefe politico, a fran-queza de portuquez genuino: o culpado da conserva-ção do Hint-Zé no poder é v. ex.^a

Conselheiro, ouça a voz amiga que á mente e ao co-ração lhe fala: urge que v. ex.^a acabe com tanta com-placencia. O Hint-Zé deve morrer ás nossas mãos, sem demora, antes d'abrir o santuario das leis. Urge, sr. e amigo, que nós mostremos ao paiz, que nos adora e que em nós tem os olhos fitos, que não podemos supportar por mais tempo o ostracismo a que nos condemnaram, collocando-nos na situação de não sermos servidores desinteressados da nação. Sr., nós, como honrados ci-dadãos e não menos honrados politicos, temos fome de martyrio e sede de sermos os filhos mais prestimosos de tão amada patria. Mate-nos esta fome e esta sede, para que o paiz cda de corcoras a nossos pés e brade: —Salvé, ó honrados filhos... de Passos; vós sois os mais lidimos representantes da lusa gente!

Conselheiro: V. ex.^a sabe que pôde contar incondi-cionalmente commigo: na boa ou má sorte, como um fiel amigo e incorruptivel correligionario, eu quero estar sempre ao lado de v. ex.^a. Portanto, disponha de mim para o futuro ministerio, dando-me a pasta que melhor lhe convenha. Não faço questáo: para todas me sinto competente, porque já tenho varias cabeças que pen-sam por mim.

V. ex.^a conhece-me, e sabe que n'este offercimento não entra a minima parcela d'ambição. Um raio me parta se eu sou ambicioso ou se quero a pasta para ser-vir a familia e os amigos! V. ex.^a sabe que eu, como mi-nistro da justica, fui o retrato vivo da Moralidade: nem atendi á parentella nem colloquei amigos. Fui uma es-tatua de carne e osso representando a justica, com a balança na mão e os olhos tapados de maneira a não ver quem me estendia a escudella. Nem fui eu —palavra d'honra que não fui!—que affirmei que um ministro tinha o dever de servir os seus amigos politicos, porque os interesses do partido assim o exigiam.

Esperando que v. ex.^a preste ouvidos ás minhas re-claimações e defira, como é de justica, o meu pedido, confesso-me

De v. ex.^a,
infimo servo,
Alfoim.

Carta de Zé Luci-Ano a Alfoim

Amigo e correligionario.—Que impaciencia, filho, que impaciencia a tua! Dá tempo ao tempo! Não tenhas tanto sangue na guelra, que isso prejudica-te. Esse teu temperamento sanguineo faz, por vezes, que te esque-ças de que és conselheiro. Olha para mim: já me viste sair da linha? Sempre correcto, sempre apumado! E' assim que se alcançam as grandes victorias. Napoleão não venceu por ser um espirra-canivetes, mas porque era um general que amadurecia bem os planos antes de os pôr em execução. Sé como Napoleão; e, se não que-ras ser como elle, sé como eu, que sempre valho mais alguma coisa. Imita a prudencia do navegador, que nunca larga um pé sem ter o outro bem agarrado.

Usas para commigo da linguagem de portuquez antigo, portuquez pelo cerebro e pelo coração, como te prezas de ser. Pois, amigo, como antigo portuquez e chefe po-litico dos da velha guarda te vou falar. Dize-me: quem é, d'entre nós, o chefe? Eu, tu o sabes. Ora, se sou eu, quem é que tem o dever de gastar a massa encephalica no estudo dos varios problemas que nos assoberbam? Eu, está visto. Pois eu penso que não devemos ter pressa d'atirar o Hint-Zé e os seus burrinhos a terra.

Que lucramos nós? A honra de servir a patria enrou-pados na cascata de ministros com correo ao lado? E' alguma coisa, mas é necessario deixar que os nossos amigos hintzaceos se sacrificem tambem um pouco pelo paiz.

Nos, de fóra, cá vamos fazendo o que podemos a fa-vor da patria. Tu bem sabes que os empregos publicos, graças ao santo accordo que com o Hint-Zé fiz, são di-vididos fraternalmente pelos nossos e pelos hintzaceos. Achas pouco? Pois olha que gastei rios de suor do meu rosto para obter este grande beneficio para o paiz.

Desançã: o Hint-Zé cae sem que nós o empurremos.

Está gasto, cansado, e não póde com um gato pelo ra-bo, embora os seus amigos digam o contrario.

A posta é nossa, embora os extra-rotativos estejam com o olho arregalado a ver se lhes sae a sorte grande. O Franco é homem ao mar, e para lhe dar o golpe de misericordia, já combinei com o Hint-Zé que, quando elle sair do poder, governarei com a actual camara, visto que os deputados hintzaceos são uns cordeirinhos do-ceis, incapazes de dar marradas que nos magoem as cos-tellas. Os nacionalistas não mettem medo, porque não tem presentemente gente na camara baixa, e quando se fizerem as eleições, nós cá estamos para lhes dizer como se acata a liberdade do voto.

Socega, pois, o espirito, filho, que o que te está pro-mettido, á mão te irá ter. Não te revoltes, nem venhas, como da outra vez, com a ameaça de que vae crear um jornal para me guerrear: esses rompanes de leão fi-cam-te mal e só toem de bom para ti encheres-me a alma de desgostos. Sé paciente, que o paiz terá occasião d'aproveitar a tua dedicacão e de te considerar um dos seus filhos mais prestimosos.

Agora, porém, um conselheiro: não te aproximes muito do Navarrão nem do Neptuno Soisa das aguas. São bons rapazes, mas firmas um pouco desacreditadas, e já se diz por ali que tu andas feito com elles no syndi-cado, incapazes de uma pretensão de dominar o paiz. Não te deixes cegar pela ambição, porque te póde suceder co-mo ao Franco. Este, coitado! julgando que levantava a grimpá, escorregou e quebrou o nariz. Hoje tem-nos mais chato do que o Fuschini.

Conta sempre com a sincera amizade e com a incondi-cional protecção do

Teu pae e amigo,

Zé Luci-Ano.

Pela copia,
Gryce.

Causticando

—«Não seja—por quem é!—Como certa genti-nha

Que tem o que sei eu?—a nobre medicina
Como cousa vulgar, risivel e supina
Inutil, afinal—e, por vezes, damninha.

Para mim é de fé que ella é uma rainha
De poder sem equal, que subjuga e domina
A Doença feroz, terrivel e sovina,
Até que, d'uma vez, a destroe e amesquinha.»

—«Tenho muita confiança em medicos. . . por-em,
Não deixo de sorrir, com um certo desdem,
D'essa sciencia altruista, generosa e amiga.

Creio que póde muito e vale muito mais...
Mas... que lucram com isso os miseros mor-taes?

—Ah! tractam-se á moderna e morrem á anti-gal!..»

Colorau.

Novo logar

Jornaes varios dizem que no cemiterio de Villa Viçosa se descobriu o esqueleto d'uma velhota com um saquinho de libras atado a uma perna.

Propomos que o Teixeira de Sousa (trata-mo-nos por tu porque fomos companheiros de casa nas aguas de Vidago), que é o futuro mi-nistro da fazenda, se o Navarrão e o Alfoim conseguirem manobrar bem os pausinhos, seja nomeado coveiro-mór do reino, afim de passar revista a todas as flautas dos esqueletos humanos enterrados nos cemiterios.

Creiam que é o unico meio de Portugal se vêr livre de credores.

Se as pernas dos mortos nos não derem li-bras esterlinas para pagar aos credores, podem estes pôr as barbas de molho que, ainda que vivam tantos annos como Mathusalem, não apa-nharão os seus creditos.

Que rica coisa se o Soisa ainda vier a ser nosso salvador com a inspecção ás canellas dos esqueletos!

Aqui está um logar d'inspector contra o qual nós não pediríamos ao ceu que o arrastasse com os seus raios.

O' Hintze, anda, filho, não te faças Ignez d'horta! Nomeia o Soisa inspector das gambias descarnadas da humanidade esqueletica!

CARTAS

Carta do Ego a Gryce

Do Porto

a Braga.

Minha querida amiga:

Não calculas o gosto que me deu e o prazer que senti ao ler a tua cartinha. Tão contente fiquei que me puz a trautear o hymno da Carta misturado com o socialista e terminei por cantar e dançar o *Ora vae tu*, com um ardor e desenvoltura como se estivesse nos meus vinte.

A minha visinha Gaia, de Villa Nova, que é uma cuscuvilha que anda sempre a indagar o que se passa em minha casa, veio logo ter commigo e perguntou-me a causa do meu contentamento.

Eu não me fiz rogado. Mandei-a entrar e disse-lhe:—Veja, veja; Braga falou e aqui tem o que ella me diz. Olhe como aquella velha amiga não se esquece de mim e com suas palavras affectuosas me conforta e anima no amargo transe por que estou passando.

Isto foi tambem piada a ella, á Gaia; a qual, sendo minha visinha porta com porta, e devendo-me favores, somente me procura quando de mim precisa. E' por isso que eu, em vez de Gaia, a trato muitas vezes por Gaja; e gaja é ella, das de bico amarello.

Falemos agora de nós, querida e velha amiga; e deixa-me, antes de mais nada, consignar aqui o meu reconhecimento pelas tuas palavras de conforto, pelos teus conselhos de amiga.

Tens razão em tudo quanto me dizes a respeito d'estes filhos degenerados que tanto me teem desgostado e desacreditado com as suas trampolinices e mescambilhas.

Repara, porém, que já tens alguns que vão seguindo a esteira dos meus. Ha por ahí quem se finja muito *cortez* para levar a agua ao seu moinho; outros que andam a pescar *peixinhos* no lago do Atheneu com iscas de cantigas e anzoes de *soirées*. Não te fies n'essa batota. Olha que d'ahi sae *poio* com certeza para as *noticias* que infectam os meus diarios.

O melhor é sempre deixal os falal-os; e quando elles *poiarem* asneiras, mostra-lhes as seraphicas armas de S. Francisco que estão no templo dos Terceiros, as quaes teem o maravilhoso condão de afugentar os intrujões e inutilisar os seus esforços.

A respeito de falsificações não te digo nada; quartel general em Abrantes. . .

O governo quer tomar medidas rigorosas e energicas, mas não o tem podido fazer por causa das manobras militares e dos jantares offerecidos aos ministros. Bem vês que isto está em primeiro logar; e com o papo vasio não se pode fazer cousa com geito. Deixa-os fartar mais um pouco e verás o que ahí vae.

O Alpoim, que me tratou sempre por *querido Porto*, tambem arranhou paparoeca em Meza-frio com a qual aqueceu mais um pouco. Os clérigos, seus amigos e affeioados, fizeram-lhe uma grandiosa manifestação de sympathia por elle ser um catholicos ás direitas, não só pelo cervero, mas até pelo coração.

Quem ainda não papou nada foi o Jacinto Candido. Veio cá um d'estes dias visitar-me, mas eu tão atrapalhado estava com os meus negocios que nem um *copo d'agua* lhe offereci. Elle tambem pouco se demorou; deu o seu recado e partiu, com receio das falsificações e das hexigas.

Sim, bem sabes que tenho em casa esta maldita epidemia; tambem não me faltava mais nada!

E para cumulo das minhas desventuras, tenho aqui um hospital para doentes que não recebe infecciosos; e tenho outro para infecciosos qua não recebe doentes! Ora não será tudo isto uma verdadeira hexiga?

Adeus, minha querida; não te esqueças jamais do

teu velho
Porto.

Pela copia,
Thomé Thomaz.

Cidadão Gryce.

Ah seu maroto! Como foi que você me furto a veronica? Realmente essa é a minha *vera effigies*; um pouco favorecida, já se sabe: pois os meus espelhos sempre me fizeram algum tanto mais arábico, com um bico quasi hebraico. Agradeço-lhe a brejeira intenção de todos os seus favores, mormente esse com que me emprestou o seu grande cachimbo. Mas só você é que sabe cachimbar esses liberalões. Eu, que nem fumo nem tomo rapé, extasio-me com as suas cachimbadas; mas não chupo nada, quando os outros levam para tabaco.

Uma coisa lhe não perdôo: é ter-me você entrajado e intrujado com albornós e mais fatiota de arabe. Isso é um alevise, isso é um anachronismo, isso é um *falsum* (como dizem os criticos) em materia de historia contemporanea.

E' você o mais consciencioso chronista da historia contemporanea, como se manifesta na volumosa colleção dos seus annaes assiduamente compulsada pelo mundo sabio que traduz o *Petardo* em todas as linguas dos animaes falantes. Tem portanto você obrigação de respeitar a exactidão historica, assim na pintura, como na escripta. Ora, tão verdade como *Ego* ser eu e eu ser *Ego*, nunca lá pelas Arabias me foi preciso despir os meus habitos; antes, pelo contrario, estes meus habitos me valeram em toda a parte mais considerações e respeito do que as proprias barbas quando mais veneraveis.

Não sei se você tem visões de propheta, vivendo na sua terra; por-ventura será, como eu, ave de mau agoiro, e então quiz-me agoirar no vestuario da effigie tempos ominosos em que eu me veja forçado entre portuguezes a tomar disfarce de musulmano para gozar direitos de cidadão. Oh Gryce dos meus peccados! Longe vá o agoiro. Um portuguez dos quatro costados, que não tem na sua popular ascendencia nenhuma pinga de sangue estrangeiro, que nem affinidades tem com um só membro de raça semitica, ha-de vestir-se de argelino ou de marroquino para poder respirar na sua terra, para ser respeitado dos portuguezes em Portugal? . . .

Mal-peccado! tudo poderá ser. . .

Já no anno de 1895 tive esses presentimentos, andando lá por onde D. João de Castro viveu como heroe até morrer como santo. Veja-os nestas duas quintilhas:

Não deixa heroes imitar
Este seculo tão mau!
Quero as barbas empenhar;
Mas por ellas no bazar
Não me dão nem um pardau.

Vou mandal-as, donde as vês,
Para algum confrade meu
Que lá precise talvez
Em Portugal—portuguez—
Fingir que é moiro ou judeu.

Mas olha, Gryce: deixei que um pequenino periodico de Margão publicasse com pseudonymo a primeira d'estas quintilhas; porem a segunda nem a mostrei nem a disse a ninguem, e tu és o primeiro que m'a consegues apanhar, como me tens apanhado outras ninharias para vires agora dizer que sou um grande. . . pygmeu.

Autos conclusos. Não se decline mais o pronome *Ego*; que já parece egoismo tanto falar de mim. De ti é que eu quizera dizer boas coisas a essa boa gente que te não conhece. Mas tu estás feito com o revisor e sempre ahí ao pé da machina: não deixas passar nada que te ponha a calva á mostra.

Ah ladrão! Se eu manejasse o lapis e o craizo como esses habilidosos *Zeros*, eu te pagaria na mesma moeda. Retratava te de corpo inteiro, membrudo, espadaudo, barrigudo, cabeçudo, barbudo, sedeuo, repolhudo, bochechudo, narigudo, trombudo, pantafaçudo, papudo, patudo. . . tudo. E sobre a elegante braçuilha pespegava-te o langotim maçônico, que lá chamam avental, perfeitamente branco e debruado de vermelho, com o fabuloso pelicanoço,

a falsa cruz e a desavergonhada rosa. Suspendia-te ao cachaço a fita encarnada com o abominavel symbolo. Empalhaçava-te como se empalhaça qualquer rosa-cruz em noite de grandes trabalhos. . . de queixo. Em-fim armava-te uma metamorphose que a ti ao menos te fizesse rir como tu a mim me fizeste. O publico diria então quem era mais figurão e mais ratão se o Gryce se o teu

Ego.

O Gryce

A sua effigie. . . em verso

Cá 'stá elle! . . . Pelas ventas,
Pela barba negra e farta,
Parece um porta-machado. . .
E não ponho mais na carta.

Fala, escreve com calor
E já o tenho ouvido;
Viajante infatigavel
E valentão destemido. . .

Andou já por Secca e Meca,
Pela Russia, pela Hollanda,
Já foi ao Brazil a pé
E passou a outra banda!

Percorreu todo o paiz,
Foi a Braga sempre a rir,
E se não foi mais abaixo. . .
Podia muito bem ir.

Viajando em Traz-os-Montes,
A sua terra querida,
Um grupo de seis tunantes
Pediulhe a bolsa ou a vida.

Espeta um sócco ao primeiro
Que lhe esmurrou o nariz;
E dá n'outro um pontapé
N'um sitio que se não diz.

Os restantes, quando ouviram
Estes dous tocar a fôgo,
Oh! pernas p'ra que vos quero. . .
Deram ás de Villa-Diogo.

Uma vez, pelo outono,
Da Turquia o Grão-Pachá,
Fez-lhe um amavel convite
Para á noite tomar chá.

Foi um banquete real!
Doces, ovos, pão torrado,
Champagne, vinho de Chipre
E até bacalhau assado! . . .

No fim, as damas do Paço,
Convidaram-no p'ras valsas;
Mas elle não tomou nada
Para não romper as calças.

Orador mui farelento,
De falar nunca receia;
E já uma vez, no Gremio,
Fallou tres horas e meia!

E se os ouvintes, maçados
Com tão estranha demora
Não se safam do salão,
Elle ainda fallava agora! . . .

No Palacio de Crystal
Sósinho, sem grande esforço,
Pediulhe pescada p'ra sete
Mettendo-a toda no dorso!

Os creados, quando o viram
Comer e ficar intacto,
Perderam o equilibrio
E cabiram com um flato!

Para o mal que o apoquentá
Tem um remedio infallivel:
Mette pitadas na venta
E sára. . . Parece incrível!

Se alguém ha que não conheça
Esta figura que enleva,
Que a compre e saberá
A rica prenda que leva.

Thomé Thomaz.

PARA O QUE SERVE O VERAÔ



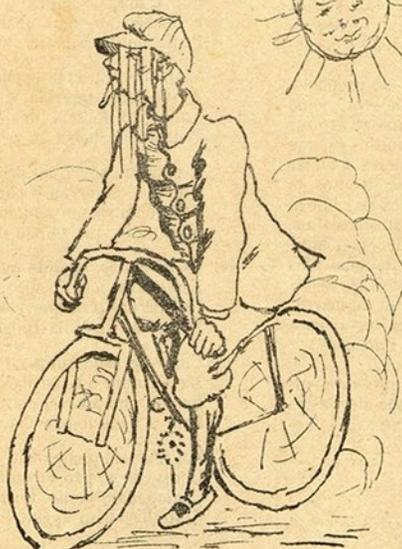
Para estas procurarem marido



Para estes se lavarem ...
involuntariamente



Para este pintar campinas...
de que hade comer



Para isto descansar das fadigas do inverno



Para este collocar as joias... a ver se colloca as filhas —ne praia



Para este dormir com socego



Para este exercer tranquillamente a sua profissão

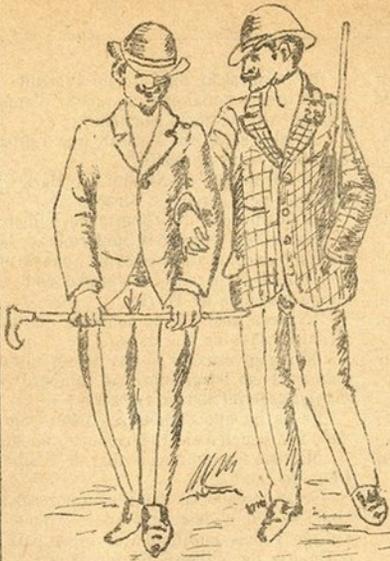


Para os humores do sangue mancharem a
nivea cntis d'este formoso rosto.

DINHEIRO
PENHORES

ZERO

COMO UZAM A BENGALA



Os caixeiros



O bufo



O janota



O parvo



O que pensa...
que pensa



O marçano



O negociante



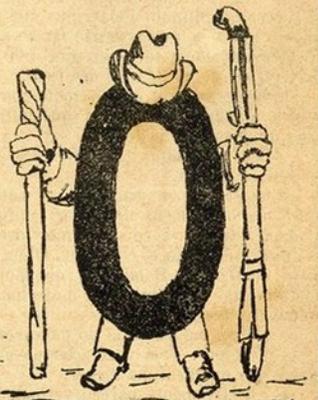
O Gryce



O azilado



O Duple



O ZERO

As nossas effigies

Foram-se!

O nosso director mandou-me o seguinte bilhete postal, que foi para mim uma facada em pleno peito:

«Querido amigo.—Os macacos intercalados no texto passaram á historia. D'ora avante, a prosa irá expurgada de macacaria. Logo, não pôde continuar com a publicação das veras effigies dos collaboradores, porque não quero que os leitores se habituem a ter 4 paginas de caricaturas e outras 4 de prosa tambem com caretas. Saude e pintos. Seu—B.»

Vão, pois, por ordem superior, as nossas effigies para o barril do lixo.

Pois é pena, palavra d'honra! Que lindos moços, que habitualmente petardeiam cá na gazeta, deixaram de ver o seu retrato pintado!

Pela parte que me toca, lamento-o. O meu já estava feito e com artigo biographico escripto por mim, mas assignado por outro. E' como canta! A modestia é uma rica coisa em quem a possui em elevado grau. Nesse artigo dizia o que era de justiça e não me fazia a mim mesmo favor algum. Mas visto que o nosso director não quer, já aqui não está quem falou.

O patife do Thomé Thomaz, rindo e brincando, foi dizendo que eu tambem queria retrato. Pois pudera! Mas não o abichei. Ao passo que elle, que é mais veterano que eu, apanhou-o, e d'alto lá com elle. Veio dizer-nos que não gostou da physionomia do seu rosto, mas aquillo foi treta. Se vissem como elle se lambia todo quando O Petardo lhe chegou ás mãos! Até lhe assomou ao canto d'um olho uma fugidia lagrima de agradecimento. Ah! que se elle apanhasse alli o Gryce n'aquelle momento, com que prazer lhe metteria os tampos dentro com um repenicado abraço!

Mas o que lá vae, lá vae.

Agora só resta, aos que não apanhamos retrato, resignarmo-nos com a sorte.

Paciencia, amiguinhos, paciencia que é magnifica para a vista.

Gryce.

O moto-contínuo

A humanidade, louvado seja Deus, muito tem progredido. N'este ultimo seculo, principalmente, o *diario de noticias*. . . não, não é isto. N'este ultimo seculo o progresso tem sido de estarrecer.

Não ha nada que já não esteja descoberto, desde a machina de descascar batatas até á forma de matar pulgas pelo methodo João de Deus, que é o mais aperfeiçoado.

A ultima archi phenomenical descoberta foi a do moto-contínuo. Palavrinha que não sabemos o que seja, mas isso não faz ao caso. Para O Petardo (assignatura por anno, 500 reis) não ha mysterios que se não decifrem.

Informaram-nos que o moto-contínuo era assim a modus una coisa que bulia sempre sem ninguem lhe mexer.

—São os *jasuitas*! dissemos nós, logo, com os nossos botões.

Accrescentaram mais que os materialistas, que são os homens de sciencia infusa, é que podiam explicar a coisa. Fomos logo ter com o dr. Petardo, isto é, com o dr. Obuz . . . ainda não, com o dr. Bombarda, que por signal é materialista como burro, e desfechamos-lhe á queima roupa:

—Dê-me um exemplo do moto-contínuo?

—Prompto. Veja você a terra—gira no espaço sem ninguem lhe mexer.

—Effectivamente parece verdade. Lavre lá tres tentos, porque dois são poucos para tamanha intelligencia. E porque é que a terra anda no espaço sem ninguem lhe bulir?

—Porque obedece a leis da natureza!

—Mas quem fez essas leis?

—A propria terra, mexendo-se, é que as estabeleceu. Isto é simples como um principio de Archimedes.

Despedimo-nos convencidos e dizendo com os nossos botões que o dr. Metralha estava mais intelligente do que nunca. Effectivamente a ter-

ra gira por causa d'uma lei; e a lei existe por causa da terra girar. E' claro como carvão de coque, distribuido aos domiciliados.

Mas tudo isto não nos dizia onde é que estava o moto-contínuo. Resolvemos abordar o primeiro transeunte, a quem perguntamos:

—Onde é que está o moto-contínuo?

O homem olhou para nós com um olhar de superioridade.

—O quê? o senhor não sabe? . . .

—Palavrinha que não.

—Pois eu vou dizer-lhe. O Motta, continuo, já saiu da repartição e foi collocado no sello. Vá á inspecção e encontrará o Motta.

—E você vá para o meio do inferno que tambem lá encontrará o diabo.

E resolvemos não apurar mais esclarecimentos com receio de ir parar ás mãos do dr. Granada, isto é, Bombarda, que dirige com grande proficiencia e mais partes um hospital de doidos.

Sylvio.

Carta aberta

Do Gryce ao Benevenuto

Meu caro Benevenuto:

Soube eu agora, *ex abrupto*,

(Que bellas ideias tens!)

Que o Petardo, vae mudar

E a linda cara lavar.

—Aceita os meus parabens!

Tu és homem d'um só rosto,

Sempre firme no teu posto;

Para ti não ha canção!

Com essa cara magana,

E's um Padre d'uma cana!

—Toma lá, filho, um abraço!

Aquillo com que os melões

Se compram, são quaes feijões

Que te nascem no canteiro.

Que alma tão grande a tua

Que não treme nem recua!

—Dá cá um chocho, brejeiro!

Começaram-te a dizer:

«Isto assim não pôde ser,

O jornal não satisfaz!»

E tu: «—Se ha falta de cobres,

Ainda ha corações nobres! . . .»

—Que coragem, meu rapaz!

E o Petardo, mui catita,

De cara nova e bonita

Apparece hoje aos leitores.

Não me hade ficar no bucho:

E' obra tua este-luxo! . . .

—Aceita muitos louvores!

Mas se o cobre te faltar,

Nada de desanimar!

Pegas na tua cartola,

De pés desnudos caminhas

E imploras pelas alminhas:

—Para O Petardo uma esmola!

Se, por mofinos azares,

Os cobres não arranjaes,

Não irás por Sera e Meca

Fugido como vilão

Que aos obreiros pregou cão:

—Vendes a minha careca!

Gryce.

Falsificações e mais falsificações!

Pae do ceu! quando terão as falsificações!

Já se descobriram:

A falsificação do pão;

A falsificação da manteiga;

A falsificação do vinho;

A falsificação do feijão preto, que não é tal preto, mas pintado;

A falsificação da pera do Pimentel Pinto, que é branca como estriça, apesar d'apparecer a publico preta como azeviche;

A falsificação do assucar, que é misturado com pó d'ossos de burro;

A falsificação de Alpoim (Zé Maria), que é catholico pelo cerebro e coração;

A falsificação do Thomaz de Vilhena, que é jesuita com injeções epidemicas de soro hintzaceo e com cataplasmas de linhaça, quando com dores de barriga, misturadas com oleo de ricino-visconde-da-Torre;

E, agora, acaba de descobrir-se que tambem ha falsificação de mortos!

E' um governador lá dos nossos ultramares que o diz em telegramma, ao ministro: «... O inimigo teve 30 mortos authenticos.»

Se os ha que authenticos não sejam, provado fica á saciedade que ha mortos falsificados.

Mas isto é um nunca acabar de falsificações, Deus do ceu!

Se as descobertas continuam por este andar, ainda se vem a descobrir que o Alpoim não é a virgem mais pudibunda do nosso paiz e que o Thomaz de Vilhena deixou de ser o amigo mais sincero, mais leal, mais desinteressado e mais com lume no canto do olho—dos catholicos portuguezes!

Tambem, se se chegar a este apuro, só nos resta o diluvio e uma arcazinha, dentro da qual se salvem o Alpoim e o Thomaz para attestarem ás gerações futuras, de que elles serão os paesinhos, que o catholicismo puro estava em plena florescencia quando o segundo diluvio reduziu a nacos d'entulho a pobre humanidade.

Fundos e fundas

Certo mercador honrado

Contratava só em fundas;

E mais não era quebrado,

Que d'isso bem certo estou.

Após transações profundas,

Como as fundas lhe sobravam,

Mas os fundos lhe faltavam,

A final tambem quebrou.

Já d'aqui, meditabundos,

Nisto de fundas e fundos

Hemos bem de profundar

Como pode succeder

Que as fundas façam quebrar

E os fundos façam render.

Ego.

TELEGRAMMAS

Braga—14 setembro—4 h. t.

Magna reunião. Braga em peso resolveu levantar estatua governador civil, attendendo serviços prestados.

Lisboa—14 Setembro—11 h. m.

Consta ministro reino publica decreto creando a forca. Ignora-se vistas.

Lisboa—14 Setembro—2 h. t.

Ministro reino, falto de expedientes para anichar afillados, cria forca. N'este serviço poderá empregar seiscentos pretendentes a cargos publicos, que não o largavam. Explicado meu telegramma hontem.

Lisboa—14 Setembro—5 h. t.

Primeiro requerente a logar carraseo é o conhecido Navarrazo Luso.

Lisboa—12 Setembro—5 h. t.

Heroe Trajouce depois manobras poz nome *chasseur* seu cavallo. Governador civil Braga julga-se offendido. Só elle quer este titulo.—Direito lhe pertence.

Vianna Castello—11 Setembro—6 h. t.

Relatorio medico diz: «Bombarda tem minhocas na cabeça. . .» Bombarda sujeito novo exame.

Braga—13 Setembro—5[2] h. t.

Governador civil muito apprehensivo por commissão do monumento que lhe vão levantar resolver que estatua será de gesso n'esta posição: de joelhos, olhos em alvo, uma vela á Religião, e outra á politica liberal.

Corrente electrica

—... Sessenta moios de trigo!... Ganhei 100 libras... E' pouco... Posso ganhar mais... O meio é facil. Vou mandar moel-o. Em cada moio misturo trinta alqueires de gesso, cal e serra. Na praça tudo se vende, o povo tudo come.

—E o delegado de saude? .
 —E' meu amigo...
 —E a policia? .
 —Com qualquer coisa se cala.
 —Mas centenas de pessoas ficam sem alimento, senão envenenadas!
 —Que importa? Eu fico mais rico, vivo vida mais regalada...
 Admiração geral nos leitores, pessoas todas de boa fé, de bom coração, incapazes de fazerem mal a uma formiga, ou de matarem um mosquito.

Pois não vos admireis, amiguinhos: de tudo é capaz o homem sem dignidade e consciencia.

Correio de casa

Antonio Zarco.—Diz-nos o Zarco que, visto o *Thomé Thomaz* ter terminado o folhetim do *Petardo*, elle se encarrega de nos fornecer outro. E manda-nos a amostra. E' um *Conto para creanças—ao pôr do sol*.

Temos a honra d'informar o Zarco que as creanças, a quem o lemos, adormeceram immediatamente. Receitamol-o, pois, ás mããs dos pequerruchos para lh'o applicarem quando quiserem que os bebés façam—ô-ô.

Traz-Traz.—O *Traz-Traz* (Não é o —Traz-traz? Quem é? —Tem pão quente? —Na portinha mais abaixo!) diz-nos que morre d'amores pelo *Petardo*. Aparecer-lhe o *Petardo* á porta é o mesmo que apparecer-lhe...
 Oíçam o *Traz-Traz*:

Quando recebo o *Petardo*,
 Eu devo-o, não o leio;
 Prefiro-o a um javardo!
 Amo muito o seu paleio!

Pois, caro *Traz-Traz*, apesar de nós amarmos o *Petardo* com entranhas de pae amoroso, com o coração nas mãos lhe confessamos que se nos apresentassem d'um lado o *Petardo* e do outro um javardo, nós preferiamos o javardo. O *Petardo* podiamos comprar-o por 20 reis enviando uma estampilha ao Padre Benevenuto, e o javardo nem por um cento d'estampilhas de 20 reis o obtinhamos. Entre o paleio do *Petardo* e a carne do javardo, para nós não ha hesitações: preferimos o javardo. E desculpe-se estamos em divergencia d'opinião com tão bom amigo.

Lucas.—Não pôde ser. Está bom, mas é muito longo. Encolha-se, homem, e appareça.

Geringonça.—Está no Lyμπο, por ordem superior. E lá terminará os seus dias, segundo todas as probabilidades. Não se lhe disse nada no *Correio da casa* para o não fazer levantar vôo. Faça nova tentativa para ver se as bichas pegam. A's vezes está-se de bolha...

Graxa.—Basta, Graxa amigo, os teus pedidos são ordens. Não queres, se não gostarmos dos teus versos, que o digamos aqui. Pois não diremos. Cá ficam á tua disposição, para os ensopares com batatas, se gostares do piteu.

S. Joaquim.—Serás tu o Rufino? Não és, não, porque este é rico d'ideias flammantes e tu és d'uma pobreza franciscana jamaiz equalada. Não podes ser servido, filho, não podes ser servido porque nós não gostamos d'esses realismos nús e crús. E' demasiado prosaismo, que nos mexe com os nervos. Upa, upa, S. Joaquim, que ainda podes vir a dar num petardista de tres assobios.

Camarão.—Não pescamos lá grande coisa da especialidade, mas parece-nos que traz passaporte limpo para poder entrar n'ó *Petardo*. Irá a seu tempo, porque no genero temos muito de remissa.

Alegrão.—Alegrão nos dêste tu com a tua cartinha. Que bom moço tu és! E como nos mettes palha na albarda com todo o geiti-

nho! Nós cá, em verdade, somos o que tu dizes e mais alguma coisa, olé! Põe-te d'olho arregalado e verás como a Posteridade está á nossa espera para nos glorificar os ricos ossos.

Coruja.—Tu, se bem nos lembra, já nos batestes á porta, mas com ares mais ferros e traga-moiros. Agora vens com pésinhos de lá, palavrinhas adocicadas e maneiras fidalgas. Parabens pela nova encadernação em tão pouco tempo! Serás servida, *Coruja* amiga, mas só Deus sabe quando. A' bica ficas, palavra d'honra que ficas, e encherás o cantaro quando menos o esperes.

Pantaleão.—Um abraço pelas novas reformas? Pois venha de lá elle, e que seja de metter os cavernames dentro. Tens palavras tão doces, *Pantaleão*, especialmente quando nos mandas assignaturas com o pagamento adiantado, que a tua musica ainda nos fica a tilintar nos ouvidos largos minutos depois de ter cessado a audição.

Adagio a adivinhar

João Pires Carvalhosa
 Indo um dia passear,
 Viu o Juca a desancar
 A mulher furiosamente.
 Condoído da pobrita
 A sua defeza tomou,
 E o marido censurou
 Chamando-o mau e demente.

O Juca, desesperado,
 Virou-se contra o João;
 Trocaram seu safanão;
 Houve ralhos, houve gritos,
 Acudiu a visinhança,
 Tocou o sino a incendio
 E—horror e vilpendio!—
 Até soaram apitos.

O João, logo que pôde,
 Para casa se safou
 E lá assim philosophou:
 «—Ao diabo dou um olho
 Se jámais eu me esquecer
 D'este adagio comezinho:

Gryce.

Charada

Repetida é singular
 E difficil d'encontrar.—1
 Repetida, as avezinhas
 Dizem antes de trinar.—1
 Repetida, ao embalar
 Ouvem sempre as creancinhas.—1

Pois, de sons tão carinhosos
 E mimosos,
 Diz a charada por fim
 Um vocabulo mui feio
 Que nos veio,
 Sem mudança, do latim.

E sabeí que noutras eras,
 Só das feras
 Se dizia em Portugal;
 Hoje é moda com effeito,
 E' preceito
 Do progresso liberal.

Ego.

Logogripho

Indispensavel á vida—2, 3
 Corre sempre sem parar—3, 5, 8
 Em obrar com discripção—4, 5, 6, 8
 Ninguem o pôde equalar—1, 2, 3
 E é das aves querido—6, 5, 6, 7, 8
 Porque é mui divertido—3, 5
 Na França foi Bispo e frade...
 Alto! que offende com isso,
 Cá a nossa liberdade...
 A. G.

Charada

Silencio! guarda silencio
 N'este recinto sagrado.—1
 Andou n'elle o penitente
 Toda a vida macerado.—2

Copados cedros me vestem,
 Veste-me eterna verdura,
 E no meu alpestre seio
 Fria nascente murmura.

Aqui matei noutro tempo
 Lá do mundo as illusões,
 Aqui dei luz e conforto
 A pungidos corações.

Agora o silencio é frio,
 Falta a mão mostrando os céos;
 Falta o monge, que inda mudo
 Falava sempre de Deus.

J. L.

Charada antonymica

Vestido em terra, ficava um tractado de medalhas.

A. S.

Charada derrabada

(Do numero passado)

Decifração:—Patacuada. Pataco. Pata. Pá.

Metagramma

(Do numero passado)

Dieif.:—Lomba, Tomba, Comba, Pomba, Bomba.

Serviço da administração

Pagos os numeros

258, 259, 260, 261, 310, 317, 318, 319, 320,
 324, 330, 331, 332, 333, 234, 335, 336, 337,
 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 349, 363,
 367, 368, 369, 373, 374, 375, 376, 421, 428,
 437, 438, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446,
 447, 448, 449, 458, 459, 460, 470, 471, 472,
 489, 537, 538, 539, 540, 541, 571, 572, 573,
 574, 579, 581, 582, 583, 585, 586, 588, 612,
 647, 648, 649, 650, 667, 669, 670, 671, 672,
 673, 674, 675, 676, 677, 678, 679, 681, 682,
 683, 692, 694, 695, 696, 697, 698, 699, 700,
 701, 702, 703, 704, 705, 706, 707, 708, 710,
 715, 716, 718, 719, 726, 730, 731, 737, 739,
 742, 743, 744, 745, 746, 747, 765, 718, 783,
 788, 829, 830, 831, 832, 833, 834, 835, 836,
 837, 838, 839, 840, 841, 842, 843, 844, 845,
 846, 847, 850, 860, 861, 872, 873, 874, 875,
 876, 877, 878, 879, 880, 881, 882, 883, 884,
 885, 886, 887, 894, 895, 896, 897, 898, 899,
 900, 901, 934, 935, 936, 937, 938, 939, 989,
 990, 991, 992, 999, 1143, 1144, 1145, 1146,
 1147, 1148, 1149, 1150, 1151, 1152, 1153, 1154,
 1155, 1156, 1157, 1158, 1159, 1160, 1161, 1162,
 1163, 1164, 1165, 1166, 1167, 1168, 1169, 1170,
 1171, 1172, 1173, 1174, 1175, 1176, 1177, 1178,
 1179, 1180, 1181, 1182, 1183, 1197, 1212, 1238,
 1239, 1242, 1243, 1244, 1245, 1246, 1251, 1252,
 1253, 1254, 1255, 1256, 1257, 1258, 1259, 1260,
 1266, 1267, 1269, 1270, 1271, 1291, 1292, 1293,
 1294, 1295, 1296, 1298, 1299, 1302, 1303, 1304,
 1305, 1307, 1308, 1310, 1325, 1326, 1327, 1328,
 1329, 1330, 1335, 1340, 1341, 1343, 1344, 1345,
 1371, 1642, 1896.

Typographia de José Fructuoso da Fonseca

72, Rua da Picaria, 74—PORTO

MORALIDADE DA EDUCAÇÃO LIVRE



Page. do meu album

ZERO